

CSC 100



ESTYLO COLONIAL BRASILEIRO

Composições Architectonicas de
Motivos Originæes

por *Felisberto Ranzini*
S Paulo - Brasil

-1927-



EDITOR
AMADEU DE BARROS SARAIVA
RUA LIBERO BADARÓ, 28 - 2.º ANDAR
CAIXA, 2951 SÃO PAULO

“O gosto é um raciocínio, de certa maneira instantâneo, que fazemos quasi instinctivamente deante do objecto, comparando-o ao nosso ideal.

Para saborearmos a verdadeira belleza, torna-se mister que o nosso Ideal seja justo, a nossa intelligencia recta e esclarecida.

DIDRON — “Le goût en Architecture”
— Annales Archeologiques.

Quem quer que tenha trazido a lume um trabalho architectonico, meticoloso, vasado dentro das mais puras linhas da bôa Lei, ha-de, certamente, têr notado a diversidade frequente das opiniões que, a seu respeito, se emittem. O mesmo membro architectural, concebido dentro da mais rigorosa logica e em perfeita obediencia á Technica e á Arte, é diversamente considerado, senão mesmo posto á margem, para em seu lugar figurar o detalhe fraco, mas vistoso, que figura por força ineluctavel das circumstancias e que intimamente se reconhece claudicante. Surprehende-se por fim com a incoherencia, o vago e mesmo a temeridade das impressões e dos julgamentos, quer se trate de curiosos, quer de technicos. A que attribuir tão singular anomalia?

François Monod, J. Belcher ⁽¹⁾, levam, em se tratando do grande publico, á conta da sua pouca iniciação na provincia da Architectura, e nesse sentido, este ultimo lançou o seu admiravel cathecismo esthetico.

No tocante aos technicos, Cloquet ⁽²⁾, Hamlin ⁽³⁾, vêm no eclectismo desenfreado deste seculo de liberdades omnimodas, na ausencia de convicções, na interpenetração de raças, a causa primaria da Babel architectonica contemporanea.

Quer nos parecer, outrosim, que essa extranha anomalia provém, em grande parte, do ponto de vista unilateral em que se collocam — publico e criticos — oblitando-se a noção primaria e geral da Architectura, no formar-se um juizo sobre o merito de uma producção architectonica.

Si uma obra, na sua concepção e crystallisação foi regida por principios e regras racionaes, cuja formula se estereotype claramente nas suas linhas e massas, de tal forma que nos dê a expressão exacta, propria e nobre d'um sentimento ou d'uma ideia, ter-se-á — em que pese a opinião adversa de qualquer critico — produzido obra de valor. Poder-se-á discordar de detalhes de estrutura e expressão, pois é natural a diversidade de gostos — mas não ha negar-lhe o valor merecido, si se satisfizerem os principios geraes e basicos da architectura, — tão sómente porque não syntoniza com as nossas sympathias pessoas.

(1) Belcher — Essentials in architecture.

(2) Cloquet — Esthétique architecturale.

(3) Hamlin — Battle of Styles — Architectural Record.

Em se tratando de produções vasadas nas linhas da nossa *Architectura Tradicional*, esta anomalia se avoluma e as dúvidas e as afirmações, as sympathias e os desacordos surgem vehementes, bulhentos, de toda forma e parte.

Para se formar um juízo sereno das características da nossa *Architectura Colonial*, alvitra-se-nos ser altamente proveitoso rememorar e passar em rápida revista, com a simples definição da *Architectura*, aquelles princípios estheticos immutaveis, que Belcher admiravelmente condensou com a velha definição orthodoxa. “*Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*”.

* * *

Architectura em sua mais completa definição ⁽⁴⁾ é a arte de dar aos edificios — conveniencia, solidez e expressão.

Todas as formas, pois, lineares e plasticas de uma obra architectonica, para serem julgadas, devem ser encaradas sob o triplice ponto de vista:

- 1) — Formas de conveniencia.
- 2) — Formas de estructura.
- 3) — Formas de expressão.

A's primeiras correspondem as que o destino e utilidade do edificio suggerem. São resolvidas pela combinação intelligente e logica das plantas e alçados de forma a satisfazer plenamente ás exigencias de Posturas e Programmas, obtendo-se as proporções de conjuncto e as grandes linhas do edificio. E' a operação inicial da produção e nella intervêm, quasi que exclusivamente, o bom senso e sagacidade do architecto.

A's segundas ligam-se as formas determinadas pelos meios de execução, collimando-se a solidez e a estabilidade, — tendo-se em bôa linha de conta as circumstancias locais, a natureza dos materiaes etc., ou seja a technica mesologica, intervindo nesse passo a cultura scientifica do architecto.

A's terceiras filiam-se as formas concebidas pelo artista com o fito de vestir a obra e impressionar o espectador — exprimindo concomitantemente, uma ideia, um sentimento, um character. E' a operação onde se exterioriza, em toda a plenitude, sua cerebração artistica e onde se firman suas tendencias estheticas e sua capacidade creadora.

E' da compenetração indissolhuvel destas trez formas, em gráus diversos de complexidade — seja num palacio, seja numa vivenda operaria — de tal sorte, que se objective plenamente: eficiencia na utilidade, estabilidade na estrutura, character na expressão — que nascem as obras de real valor architectonico.

Qualquer uma, concomitantemente, concorre com o seu quinhão, para a belleza do

(4) Cloquet — Op. cit.

edificio. E Opperman, dentro do seu rigorismo logico, concluiu ⁽⁵⁾ que a “conveniencia e a estabilidade são condições de belleza como a graça e riqueza; que toda parte de um edificio, deve ser racionalmente motivada para parecer bella; que um viaducto bem construido pôde ser tão bello quanto um palacio; que não ha bôa fachada sem bôa planta, como não ha bôa decoração sem bôa construcção”.

Consequentemente, não é só numa fachada que se deve buscar o indice do valor de uma obra e do seu creador. Um juizo seguro somente poderá formular-se, posteriormente, pelo exame perfunctorio da planta e da estructura.

Esta observação focalisa a tendencia mui em voga actualmente entre architectos, de se dar maior — sinão toda — importancia ás formas de expressão, tendencia essa que se retrata pela porfia geral á cata de um estylo ou de um amalgama de estylos que “chame a attenção”, relegando-se para planos secundarios a solução cuidada dos Programmas e do estudo meticuloso da ossatura, que na generalidade é entregue aos cuidados do Engenheiro Civil.

Nisto reside talvez a amarga queixa de um grande estheta: “Si a arte nos falta, hoje em dia os systemas de arte nos abarrotam”... ⁽⁶⁾

O architecto, na actualidade, deve sêr tão senhor dos Estylos e das Formas de Expressão, como das Posturas e — “last but not least” — da formidavel technica constructiva que com o aparelhamento moderno se nos depara.

Nesta época de gigantismo constructivo, de aceleração progressista, em que incessantemente se multiplicam as necessidades publicas e particulares, exigindo novas modalidades technicas, o architecto deve sêr Engenheiro Civil, versando tão bem a Historia dos Estylos, como a Technologia, a Resistencia dos materiaes e a Estabilidade das Construcções.

Sem o que, as obras caracteristicas do nosso seculo e que devam symbolisar as actuaes Forças Sociaes em actividade, sendo entregues á cerebração fria, positiva, do Engenheiro Civil, não passarão de montes inestheticos de materiaes superpostos, rigida e mathematicamente, sem aquelle suave sopro de vida, de arte, de harmonia, que somente o architecto sabe produzir ⁽⁷⁾.

E' evidente que, no programma domestico, o architecto não terá o vôo largo dos monumentos collectivos ou de utilidade publica. Embora em ambito mais modesto, se trava analogamente a batalha dos estylos e das formas e se entrechocam correntes diversas, apregoando cada qual suas tendencias.

(5) Opperman — Projets et propositions.

(6) Didron — Op. cit.

(7) Haja vista a obra admiravel que é a Barragem de Kensico — N. Y. — Estados Unidos (Architectural Forum n.º 3, vol. XLVII).

Até o presente, o projecto de uma barragem era entregue á competencia exclusiva do Engenheiro Civil que, ao fixar as suas formas, sómente se atém á preocupação do perfil economico e á noção da curva das pressões e nucleo central. Bastou, no emtanto, a concorrência intelligente de architectos como York & Sawyer, para se transformar uma obra hirta e nua, como tem sido uma barragem, em um conjuncto admiravel de Technica e Harmonia, de Sciencia e Arte.

Desse torvelinho emerge a nossa Architectura tradicional, singela, simples que o genio da nossa raça apresenta, para que a brasilidade se não esmaia...

* * *

Examinando a nossa Architectura Colonial á luz dessas noções, rapidamente summariadas, estaremos habilitados a estabelecer dentro de base segura, uma opinião serena sobre as suas qualidades ou defeitos.

A conveniencia sendo a arte de apropriar um edificio ao seu destino e de escolher para todos os membros deste edificio a forma que melhor se prestar á sua funcção ⁽⁸⁾ — nós podemos concluir, depois de conhecer a disposição habitual dos solares coloniaes, que ellas preenchião perfeitamente ao primeiro requisito da architectura nas suas formas de utilidade.

Com effeito todos os membros constructivos foram racionalmente motivados. O beiral largo — que nos dá uma impressão tão acolhedora — tinha sua funcção bem caracterizada de abrigar a casa contra o sol e as intemperies.

Os alpendres e as janellas de rotula correspondiam á necessidade imprescindivel de côar, filtrando, a luminosidade intensa e o calor excessivo do ambiente.

Os pateos interiores, — tão pittorescos com sua fonte ou poço central, refrigerio para todos, — além dos effeitos artisticos e altamente decorativos eram um traço de união entre dependencias do edificio.

Si se passar ao exame das formas de estructura, ver-se-á a mesma logica e a mesma sinceridade.

As paredes espessas — além de sêr uma consequencia da technica usada: taipa, pau a pique ou pedra — exerciam marcadamente a funcção de resguardo contra a canicula envolvente.

O azulejo, que figurava como adorno quer nas fachadas, quer nos vestibulos, atrios e alpendres, era tambem um elemento para refrigerio do ambiente interno.

Examinando-se posteriormente suas linhas exteriores de expressão, conclue-se que a Architectura Colonial se manteve perfeitamente logica com o seu tempo, com o seu meio e com a sua raça.

Como nos seculos que se seguiram ao Renascimento — quando se inaugurou o systema da copia — ella interpretou, segundo o genio colonial, o Barrôco dominante; e não ha negar que o fez com a mesma logica, com a mesma honestidade com que o Barrôco modificou o Renascimento e, este, o classico Greco-Romano...

O ambiente simples da vida colonial, os costumes patriarchaes, a fé religiosa que se norteara por Roma e seus mandatarios; de outro lado, as condições criadas pelo clima

(8) Charles Blanc — Grammaire des Arts du Dessin.

tropical com seu cortejo de sol causticante e luz intensa, pela mão de obra e aparelhamento singelos, pelos materiaes disponiveis — todas essas variaveis determinaram, de forma ineluctavel, a funcção-estyllo que devia reger o nosso scenario colonial.

* * *

Ha, de certo, no reverso, certos defeitos e illogismos.

São as alcovas sem luz, a insolação defeituosa e, principalmente, o aparelhamento sanitario e de utilidade, deficientissimo.

Mas esses defeitos — que se devem levar á conta da pouca expansão dos principios de hygiene publica — são communs até nos grandes edificios que o Renascimento Francez ergueu em Versalhes e no Petit-Trianon ⁽⁹⁾.

* * *

Tudo evolúe e emquanto houver vida haverá movimento.

As condições actuaes da nossa vida mental, moral e material não são as mesmas da época Pombalina e a Architectura Colonial se resentiu da mutação do scenario que ella devia decorar.

Deveremos, porém, cortar as raizes que nos ligam aos nossos antepassados e abandonar as formas, as estylisações dos nossos artistas coloniaes e escolher para as nossas habitações, no mesmo solo, no mesmo clima, as formas bizarras de outras gentes, de outras terras?

Quer-nos parecer, em bôa razão, que á buscar na casa do vizinho, tomando-lhe emprestado, a vestimenta para nossa architectura domestica, é mais curial lançar mão do cabedal que vamos encontrar na arca das nossas tradições.

Está visto que devemos sêr coherentes com a nossa época, da mesma forma que os artistas coloniaes o foram com a sua. Seria pois erro artistico, copiar servilmente, imitar inconscientemente as formas do colonial com a sua irregularidade archaica, a sua mão de obra ingenua e modesta e o seu aparelhamento deficiente.

A interpretação racional deve sêr feita de accordo com as necessidades multiplas da vida actual, e com a enorme variedade de materiaes ⁽¹⁰⁾ postos á nossa disposição pela technica moderna.

Para se fazer portanto bôa architectura colonial, deve-se começar pela planta e pela estructura. No tocante á iconographia, ha sempre a obedecer o programma fixado

(9) Guadet — Elements d'Architecture.

Alberto Seabra — Conferencias.

(10) O cimento fundido, facilitando a obtenção de todas as tonalidades dos calcareos e granitos, permitindo ao mesmo tempo que os ornatos esposem todas as formas caprichosas da esculptura em madeira e marmore, é um novo e precioso elemento de expressão e decoração, permitindo á Architectura Tradicional apresentar maior riqueza e exuberancia nas formas e ornatos.

pelo cliente, mas cumpre ao artista dispôr as massas segundo a tradição, que admiravelmente fundiu as necessidades com as formas de expressão. Quanto á estructura, ha a attender a questão de orçamento, mas o bom architecto pode tirar bom partido até dos materiaes mais communs. As formas de expressão e de decoração — devem vir naturaes, escoreitas, sem superfetação que dão ao trabalho a impressão desagradavel do “pastiche”.

* * *

A ausência de documentação, bôa e farta, das formas de detalhe e conjuncto, sobre a nossa Architectura Tradicional, tem sido um entrave forte para sua expansão.

O architecto que desejar possuir um “dossier” bem fornecido, de real utilidade para as necessidades continuas de seus projectos, tem de se submeter aos penosos incommodos de viagens longas, numa peregrinação paciente pelos sitios em que os artistas coloniaes plantaram suas fabricas, ou então, o que é mais commum, socorrer-se de photographias ou documentos esparsos e sem concatenação.

Alvitrou-se-nos, pois, sêr de summa vantagem, quer para architectos quer para artistas do desenho e da plastica, a publicação de uma serie de variações sobre o thema colonial, que fosse, além do mais, uma contribuição — modesta, embora — para a expansão da nossa Architectura Tradicional.

Os presentes desenhos, de autoria do architecto F. Ranzini, provector professor de Desenho de Composição Geral da Escola Polytechnica de S. Paulo, foram inspirados em trabalhos existentes nas varias regiões do Pais. Delicadeza de traços, variedade de motivos, riqueza de ornato e de modenatura, — caracteristicos da veia artistica do Prof. Ranzini — presidiram á factura destes documentos, nos quaes não se olvidou, porém, a feição eminentemente pratica e efficiente que elles deveriam assumir.

Quasi todos os membros architectonicos, de uma habitação privada, são aqui tratados de maneira proteiforme, com maior ou menor riqueza de desenho e ornato, de forma a prestar sempre seu concurso ás innumeras consultas no decurso de um projecto.

Esta obra — na qual se não pouparam esforços para apresental-a atrahentemente e que é a primeira, no genero, que sahe a lume em terras onde se fala a Lingua Portuguesa — se destina quer aos architectos de nossa Terra e a todos os artistas auxiliares do constructor, quer aos amantes da nossa Arte Colonial.

Da acolhida que lhe fôr prestada dependerá a publicação de outros trabalhos mais completos e desenvolvidos sobre edificios Religiosos e Publicos.

Jardim Europa, em 30 de Abril de 1928.

AMADEU DE BARROS SARAIVA.